

# A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK E A CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS

Maria da Luz OLEGÁRIO<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
daluzprof@gmail.com

Zenilda Ribeiro da SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
zrscoremas@hotmail.com

**RESUMO:** As redes sociais vêm modificando o modo como sujeitos contemporâneos se relacionam com o outro e consigo mesmo. Nos espaços digitais, em especial no *Facebook*, anônimos aparecem, falam e se fazem ouvir por diferentes formas e linguagens. Diante de tal fenômeno, este artigo tem por objetivo analisar a circulação dos discursos na rede social *Facebook* e a constituição daqueles/as que falam e são falados/as neste espaço virtual. Como pressuposto teórico-metodológico, utilizou-se a Análise de Discurso, com conceitos de sujeito, discurso e formação discursiva (FOUCAULT, 1996; ORLANDI, 2012). Pode-se compreender que tais sujeitos encontram, nas redes sociais, espaços onde, por meio das múltiplas linguagens, significam o mundo e se significam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Sujeito. Redes Sociais. *Facebook*.

## DISCOURSE CIRCULATION ON THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK AND THE SUBJECTS' CONSTITUTION

**ABSTRACT:** Social networks have been changing the way contemporary subjects perceive themselves and relate to each other. In digital environments, especially on Facebook, anonymous people appear, speak and are heard by different forms and languages. Taking into account this phenomenon, this article aims to analyze the discourse circulation on the social network Facebook and the constitution of those who speak and are mentioned in this virtual environment. As theoretical and methodological assumption, it was used the Discourse Analysis, with concepts regarding subject, discourse and discursive formation (Foucault, 1996; ORLANDI, 2012). It can be understood that such subjects find, on social networks, environments where, through multiple languages, they signify the world and they render meaning to their discourses.

**KEYWORDS:** Discourse. Subject. Social Networks. Facebook.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)- PB, Brasil.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)- PB, Brasil.

A atual sociedade, marcadamente tecnológica, vivencia o fenômeno da proliferação da comunicação por meio das mídias digitais, a comunicação *online*, levando-se, cada vez mais, a se compreender o papel que tem a linguagem na constituição dos indivíduos e destes em sujeitos.

Vive-se na era definida cibercultura<sup>3</sup>, com sujeitos navegando no ciberespaço<sup>4</sup>, construindo novas formas de interagir e de se comunicar. Essas interações mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, em especial pelo computador ou celular conectado à rede de *internet*, têm assumido proporções cada vez maiores, tornando-se relevante que se estude e se reflita sobre a linguagem e, por conseguinte, sobre o sujeito do discurso no meio digital.

Sujeitos assumem comportamentos, debatem sobre assuntos, expressam opiniões e ideias na rede social *Facebook*, que, em outros lugares, provavelmente não o fariam ou não se sentiriam à vontade para se pronunciarem. Seria então o *Facebook* um lugar de democratização do discurso? Sabe-se que não é bem assim, pois nem todos/as são possuidores/as de meios através dos quais façam desse tipo de comunicação e interação sua prática. Qual seria a motivação que leva alguém a compartilhar o discurso de outrem, como se fosse seu? Quais significados podem ser depreendidos a partir de tanta exposição na rede? Muitas vezes, um “simples” texto (verbal ou não verbal) assume proporções de divulgação enormes; o sujeito se identifica com esse discurso e o compartilha como se dele fosse, não no sentido de autoria primeira, mas de que esse discurso fala de si, de algum modo; significa-se, por meio de tal discurso.

---

<sup>3</sup> Neologismo usado para especificar “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, (LÉVY, 1999, p. 17) Para um maior aprofundamento sugerimos a leitura da obra de Pierre Lévy, CIBERCULTURA, 1999.

<sup>4</sup>Lévy (1999, p. 17) define o termo como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

Mais do que nunca, se está diante da constatação do que já propunham os analistas do discurso: a linguagem faz a mediação entre “o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2012, p. 15). Por meio dessa mediação, que é o discurso, a linguagem possibilita ao ser humano e à realidade a realização dos processos de permanência, continuidade, deslocamento e transformação.

A AD, desde sua perspectiva inicial, proposta por Pêcheux, na França dos anos 1960, até estudos mais recentes, pode ajudar a compreender os discursos (re) produzidos nas redes sociais, a partir dos conceitos foucaultianos de sujeito e de discurso, bem como oferecer suporte na compreensão das construções discursivas da rede social *Facebook*.

Assim, a elaboração deste artigo, inicia-se com uma revisão de alguns conceitos-chave nos estudos do discurso, em especial, trazendo para a discussão a concepção de linguagem como ação constitutiva dos sujeitos, não transparente e capaz de produzir ambiguidades, conforme orienta Pêcheux (ORLANDI, 2005).

Em seguida, será feita uma breve reflexão em torno da rede social *Facebook*, seu surgimento, objetivos iniciais e como, em curto espaço de tempo, tornou-se uma rede de acesso mundial, na qual sujeitos se manifestam para expressar, desde situações corriqueiras e de cunho pessoal, até questões político-sociais, como mobilizações agendadas via rede, protestos dos mais variados relacionados a preconceitos étnicos, religiosos, de sexualidade e assim por diante.

Não se tem a pretensão de se fechar em respostas, afinal, a linguagem não é homogênea, nem muito menos transparente. Assim também os sentidos não se esgotam e não se encontram completamente dados nos discursos. Os sentidos emergem e se dispersam em cada momento, a cada situação de produção. Os fragmentos de discursos analisados foram

retirados de postagens que circulam no *Facebook*, especialmente as que são compartilhadas e curtidas/ou comentadas por outros seguidores, sem pretensão de ser *corpus*.

### **A linguagem e os sujeitos sob o enfoque discursivo**

A Análise de Discurso surge na França em um momento social de crise e de mobilizações sociais, inicialmente por parte de estudantes universitários, que assume proporções maiores, chegando aos trabalhadores que viram nas lutas estudantis um espaço para também fazerem suas reivindicações (MAZZOLA, 2009).

No campo das ciências da linguagem, tinham-se as interpelações que os estudos do texto faziam aos pressupostos estruturalistas de Saussure, especialmente no que se refere à separação língua-fala. Emergiam também nessa época os estudos em torno da enunciação. É nesse cenário que Pêcheux inaugura seus estudos do discurso, vendo-o como “ponto intermediário entre a linguagem e ideologia” (SANTOS, 2013, p. 212).

A grande novidade que a AD traz para os estudos da linguagem é propor que se busque compreender a língua fazendo sentido, ou seja, a língua que age e que é perpassada pela história e pela ideologia. Diante da efervescência dos discursos políticos da época, percebia-se que a língua não poderia mais ser concebida como um sistema abstrato, “mas como a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” (ORLANDI, 2012, p.16).

A AD propõe um confronto entre o político e o simbólico, sem separação entre forma e conteúdo, mas buscando compreender a língua “como acontecimento” (ORLANDI, 2012, p. 18). Reúne conhecimentos de três domínios: a Psicanálise, a Linguística e o Marxismo. Neste sentido, considera que a língua, apesar de possuir sua ordem própria, não é autônoma, como propunha a Linguística; a história não pode ser concebida apenas sob o aspecto cronológico e

de determinado sujeito, mas é também afetada pelo simbólico; e, por fim, o sujeito é afetado pela língua e pela história (ORLANDI, 2012). Ou seja, a AD não vê um sujeito onipotente, nem a língua como um sistema completamente autônomo (ORLANDI, 2005).

Para a AD, a linguagem não é transparente e só pode ser considerada linguagem porque faz sentidos e, só faz por estar inserida na história (ORLANDI, 2012). Assim sendo, pode-se dizer que a grande preocupação do analista do discurso é compreender como “um objeto simbólico produz sentidos, como ele é investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2012, p. 26). É por meio da linguagem que o indivíduo se constitui enquanto sujeito de linguagem, transformando a realidade à sua volta e a si.

Sendo então a língua constitutiva do sujeito e da história, o discurso, objeto de estudo da AD, pode ser entendido como sendo “a palavra em movimento” (ORLANDI, 2012). No entanto, a noção de discurso proposta pela AD não se enquadra no esquema de comunicação que apresentava uma ideia de um emissor que transmitia sua mensagem por meio de um código (a língua) a um dado receptor tratando de alguma informação da realidade, denominado de referente. A AD rompe com essa ideia de comunicação e que exista uma linearidade entre os elementos que a compunham. Existe sim a linguagem em funcionamento com sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história (ORLANDI, 2012).

O sujeito da linguagem na escola francesa de Análise de Discurso foi pensado, nos seus primórdios, por Pêcheux como sendo, ao mesmo tempo, que se imaginava dono do que dizia, era assujeitado. Essa concepção devia-se ao envolvimento do autor citado e sua leitura de Althusser, em sua conhecida obra sobre os aparelhos ideológicos do Estado.

Foucault, por sua vez, concebe o sujeito muito mais como uma posição a ser ocupada e ainda como sendo “dividido no seu interior e em relação aos outros” (FOUCAULT, 1996, p. 231). Ou seja, para Foucault, o sujeito discursivo não é concebido do ponto de vista da

subjetividade, mas a partir de “um lugar” ocupado pelo indivíduo para que se transforme em sujeito do que diz. Para Orlandi (2012), é um sujeito que se apresenta afetado pela língua e pela história.

Ao tratar do sujeito, relacionando-o à noção de posição ou de poder, Foucault (1996, p, 235) afirma que “É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos”. Cabe, então, ao analista do discurso descrever as diferentes posições assumidas pelo sujeito. Um mesmo enunciado pode trazer à tona diferentes posições ocupadas pelo sujeito que são acionadas a partir da leitura e da interpretação. Numa sala de aula, por exemplo, tem-se a posição de sujeito aluno e de sujeito professor. Ou seja, o sujeito do discurso não se trata apenas de alguém que fala, mas “antes de uma posição que alguém assume, diante de certo discurso” (FISCHER 2013, p. 134). O que seria então esse discurso? Sobre essa conceituação passaremos a discorrer no tópico a seguir.

### **O discurso e suas condições de produção**

Para Orlandi (2012, p. 15), a palavra discurso pode ser compreendida no seu sentido etimológico como trazendo consigo a ideia de “curso, de percurso, de correr por, de movimento”. Pode-se compreender essa ideia de movimento sendo os efeitos de sentidos que são construídos ou atribuídos aos enunciados pelos diferentes sujeitos. Ou seja, “o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (p.21).

Assim, Orlandi (1994, p. 53) orienta que assumir uma concepção de discurso como efeito de sentido entre os locutores implica em uma mudança na maneira de conceber e compreender a linguagem que, para a autora “implica considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos”. Ou seja, implica entender que o discurso requer a existência de um sistema significante (a língua), mas também que se

considere a relação deste com a exterioridade, visto que sem a imersão da história na língua, não há como significar.

Ocorre que nos dizeres, os sentidos não estão postos, uma vez que a linguagem não é transparente. O analista do discurso precisa, então, estar atento e perceber que os sentidos estão para além das palavras e para além dos textos. É preciso considerar toda a exterioridade, as condições em que as palavras são proferidas. Entram em questão as condições de produção e o interdiscurso (ORLANDI, 2012).

Uma vez que a AD entende que os processos discursivos não têm a sua origem no sujeito em si, apesar de se realizarem nesse sujeito, é necessário que se considere também a realidade histórica que, para Orlandi (2012, p. 30), compreende “fundamentalmente os sujeitos e a situação”. A autora salienta que essas condições de produção podem ser tomadas sob dois formatos: i) em sentido estrito que seriam o contexto imediato ou circunstâncias da enunciação; ii) em sentido amplo entram em questão o contexto sócio-histórico e ideológico. Analisemos, pois, as postagens que circulam pela *internet*, envolvendo toda uma discussão dos professores do estado da Paraíba após o anúncio, por parte do governador, de um reajuste salarial.

Sorala Carvalho compartilhou a foto de mobiliza Uefecegê. 14 h

Comando de Mobilização Estudantil da UFCG lança nota de apoio ao magistério.

Segue abaixo o conteúdo.

UMA SÓ LUTA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO... Ver mais

**Que o governador cumpra imediatamente a lei do piso!  
Que os professores recebam um salário que de fato atenda a suas necessidades!**

**A luta é uma só: em defesa da educação pública e das condições de vida dos trabalhadores!**

Somos estudantes da UFCG e manifestamos nosso apoio à luta do magistério paraibano. Muitos de nós pretendemos nos dedicar futuramente ao ensino. Nosso apoio, porém, não se deve a questões corporativas, mas sim à solidariedade a estes trabalhadores que recebem baixíssimos salários e à defesa da Educação Pública.

O governador Ricardo Coutinho está alegando que deu 20% de aumento salarial aos professores, o que é uma mentira. Na verdade ele deu esse reajuste apenas aos professores polivalentes (sem graduação) que são muito poucos hoje no estado, este aumento não atinge nem 10% dos professores. Aos demais o governo deu uma reposição de 9%, dividida em duas vezes de 4,5%, uma parcela agora e outra só em outubro. O reajuste recomendado pelo MEC foi de 13,1%.

Além disso, o governo não cumpre o piso nacional do professor, hoje fixado em R\$ 1917,78. Mesmo o piso está abaixo do salário mínimo do DIEESE, de R\$ 2.975,55 e é muito inferior ao salário mínimo vital, que deve cobrir as necessidades de uma família trabalhadora. Pelo atual plano de carreira, o professor polivalente nunca receberá o piso, enquanto o licenciado receberá apenas quando após 25 anos de trabalho, o especializado após 20 anos, o mestre após 15 anos e o doutor quando após 10 anos de trabalho.

Os professores estarão se reunindo na sexta-feira, dia 30 de janeiro, às 09h da manhã, no auditório da secretaria municipal de cultura (antigo Museu Assis Chateaubriand, ao lado da integração) para formular uma pauta de reivindicações ao governo do estado. Ajude a fortalecer este movimento

**Manifestamos todo nosso apoio. Estamos juntos nesta luta!**

**Reunião 30/01 Sexta às 9h**

**NO AUDITÓRIO DA SECRETARIA DE CULTURA**  
Ao lado da Integração

**COMANDO LOCAL DE MOBILIZAÇÃO ESTUDANTIL CLME**

Mobiliza Uefecegê

Figura 01. Fonte: Rede social *Facebook*/página da autora.

Considerando o contexto imediato da realização desse discurso, tem-se a rede social *Facebook*, mais precisamente a Página de um grupo criado exclusivamente para se discutir o referido reajuste. Adentrando ao contexto sócio-histórico, chega-se ao estado da Paraíba, realidade vivida pelos/as professores/as que já atravessam anos de uma luta em defesa da valorização da categoria e, indo além, o contexto histórico e educacional do Brasil.

Com base na situação-problema analisada, vislumbra-se a outros dois conceitos: o de memória e o de interdiscurso. Segundo Orlandi (2012, p. 31), a memória também faz parte da produção do discurso, uma vez que aciona as condições de produção discursivas. Nesse



sentido, a autora nos diz que a memória pode ser tratada como o interdiscurso, ou seja, “o que fala antes, em outro lugar”. É o interdiscurso que traz à tona ou à memória discursiva do sujeito “dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada”. Podemos dizer que na situação retratada, está presente no discurso dos/as professores/as, não apenas um fato do momento, mas esse fato traz à memória toda uma história de lutas de professores, não só na Paraíba, mas em todo o Brasil;

Há, nesse caso, uma relação entre o que se está dizendo e o que já foi dito, ou seja, entre o interdiscurso e o intradiscurso. O primeiro pode ser compreendido como sendo a constituição do sentido, enquanto que o segundo seria a formulação.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos (ORLANDI, 2012, p. 33).

Conforme salienta a autora, é a relação entre o interdiscurso e a historicidade determinante para, a partir das condições de produção, se chegar à discursividade. As palavras só fazem sentido porque já foram ditas por outro sujeito e se encontram apagadas na memória do falante/ouvinte. É o já dito que faz o dizer do outro ganhar sentido. Foucault (2014) firma que a novidade não está “no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Ou seja, o que já foi dito em outra época, por outro sujeito se renova e se atualiza devido a uma carga de historicidade que tal discurso traz.

Orlandi (1994) ainda alerta para não se confundir interdiscurso com intertexto. O interdiscurso faz parte dos saberes discursivos do sujeito, já o intertexto encontra-se na relação de um texto com outros textos, ou seja, na materialidade do discurso.

E como se dá essa interação entre o meu dizer e o já-dito? Um fator fundamental e estruturante para a existência do interdiscurso é o que a AD chama esquecimentos. Pêcheux (1975) aponta que existem dois tipos de esquecimentos: um está relacionado à ideologia e o

outro à enunciação. Segundo este autor, o segundo esquecimento propõe que “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra”. Ou seja, embora existam outras formas para se dizer algo, nem sempre temos a consciência disso.

O esquecimento número um que pode ser chamado de esquecimento ideológico revela a forma como o sujeito pode ser afetado pela ideologia. Esse esquecimento faz com que o sujeito tenha a ilusão de ser a origem do seu dizer, ao que se chama de “sonho adâmico”, de ser o primeiro a proferir tais palavras (ORLANDI, 2012, p. 35). Em síntese, temos um esquecimento que é da ordem da sintaxe e o outro da ordem da ideologia.

E como as palavras passam a fazer sentido? Todas as palavras podem ser ditas por todos os sujeitos? De acordo com Foucault (1996), a produção do discurso, em todas as sociedades, passa por uma espécie de controle, de seleção, de organização e distribuição. É o que o autor chama de mecanismos de interdição. Há, segundo o autor, palavras que são proibidas a certos sujeitos e em determinados lugares.

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala (FOUCAULT, 1996, p.35).

O autor salienta que existem certas organizações às quais nomeia de sociedades do discurso. É o caso do discurso jurídico, o discurso religioso, o discurso estudantil, sindical, dentre outras organizações. É preciso estar incumbido de determinado poder advindo da posição ocupada pelo sujeito para que seus enunciados se signifiquem e façam sentidos em relação aos outros sujeitos.

Orlandi (2012, p. 43), por sua vez, nos afirma que para as palavras fazerem sentido, devem-se considerar as posições ideológicas daqueles que as empregam. Nesse sentido, a autora se refere ao conceito de formação discursiva, que vem a ser aquilo que, em uma

determinada formação ideológica, determina o que pode ou deve ser dito. Assevera ainda que, com a noção de formação discursiva, chega-se também a compreensão de que: a) o discurso passa a fazer sentido porque o “que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva”; b) pela referência à formação discursiva podem-se compreender os diferentes sentidos do discurso.

Retomando agora à questão originária desta pesquisa sobre a constituição de sujeitos do discurso na rede social *Facebook*, ou seja, o que leva o sujeito a assumir determinado discurso e a ele atribuir significado e significar-se por meio dele? Seria a posição ideológica ocupada pelo sujeito autor do discurso que lhe confere poder de fazer sentido? Vejamos.

### **A circulação dos discursos na rede social *Facebook* e a constituição de sujeitos: significação e a identificação**

O *Facebook* nasceu como um modesto projeto de um jovem universitário, estudante de informática na universidade de Harvard, chamado Mark Zuckerberg. A ideia inicial era criar um *site* onde estudantes, inicialmente de seu grupo, de sua faculdade, pudessem compartilhar informações e construir uma visão ampla do que estava acontecendo em seu lócus de estudo (KIRKPATRICK, 2011).

Em fevereiro de 2004, Zuckerberg leva ao ar pela *internet* a primeira Plataforma *Thefacebook* que, pouco tempo depois, tornar-se-ia o *Facebook* que conhecemos hoje. A proposta primeva trazia na tela de abertura os dizeres: “O The facebook é um diretório que conecta pessoas por meio de redes sociais nas faculdades” (KIRKPATRICK, 2011, p. 39). Como se pode ver, o intuito até aqui era a interação entre estudantes.

Os criadores do *Facebook* não o viam como um instrumento político, no entanto, perceberam o seu potencial para a propagação de ideais também de conotação política. Logo

no início, os estudantes começaram a trocar suas fotos nos perfis por textos com declarações políticas, com o objetivo de protestarem contra o que consideravam importantes.

O *Facebook* tem se transformado em um importante instrumento, por meio do qual, indivíduos de sociedades pelo mundo afora se sentem encorajados a opinar, mobilizar pessoas, programar protestos, discutir questões políticas e sociais. Ou seja, tem sido um veículo de circulação de diferentes discursos que têm incomodado instituições e assustado aqueles que não desejam mudanças, afirma Kirkpatrick (2011).

Eis a justificativa em estudar o fenômeno *Facebook* e sua contribuição na circulação dos discursos e constituição dos sujeitos. De acordo com Dias e Couto (2011), o que chama a atenção para o diferencial desta rede social é que a mesma, num primeiro olhar, é utilizada no mundo pessoal e interior dos sujeitos. Observemos a pergunta que se abre à sua frente ao entrar no seu perfil.

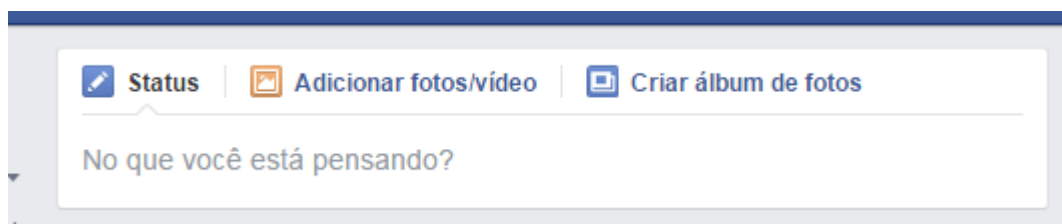


Figura 02 Fonte: Facebook/página da autora.

Enquanto o *Orkut* perguntava “Quem sou” o *Facebook* leva o questionamento para a ordem do pensar, do saber sobre. Esta pergunta inicial já convida o usuário a refletir, seja em termos de questões pessoais, seja sobre o que se passa no mundo à sua volta. Esse pensar sobre o mundo e sobre si pode se externalizar por meio de uma música, de um texto, de um vídeo, uma charge etc. O fato é que, pelo *Facebook*, se discute sobre tudo e todo mundo toma a palavra para expressar o seu pensar. Mais que um espaço para se postar mensagens e fotos, o *Facebook* tem se mostrado como um espaço de construção de sentidos e circulação de discursos nas mais variadas temáticas e contextos.

Como pensar e analisar o discurso virtual na rede social *Facebook* especialmente sob o aspecto da constituição dos sujeitos? Assim como as sociedades vão se transformando, se modificando, surgindo novas formas de organização dos sujeitos, novos modos de pensar, a linguagem também vai se reconfigurando, tomando novas formas, a construção dos sentidos que é permeada pela linguagem e pelo contexto sócio-histórico.

Uma das questões retomadas aqui é a noção de formação discursiva (FD). Enquanto Foucault concebe a FD como sendo um sistema, relativamente autônomo, no qual se produzem as regras definidoras da identificação e dos sentidos e nos enunciados (REVEL, 2011). De acordo com Baronas (2011, p. 3),

Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc.

Estaria, como se percebe, o conceito foucaultiano de FD relacionado a questões do conhecimento, dos saberes. Por sua vez, Pêcheux vem dizer que as FDs relacionam-se com as Formações Ideológicas (FIs), tendo por base sua leitura de Althusser no que concerne à sua obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, e aponta que as FDs agrupam-se a outras, relacionando-se como interdiscurso. No conceito de interdiscurso de Pêcheux, pode-se associar também o conceito de memória discursiva, “um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer” (SANTOS, 2013). Para Pêcheux, o sentido é estabelecido por meio das FDs, havendo um processo, por parte do sujeito, uma relação metafórica de transferência. Seria então essa relação metafórica de transferência que media a circulação e compartilhamento de determinados discurso pelo *Facebook*? Tomemos o seguinte recorte para analisarmos.

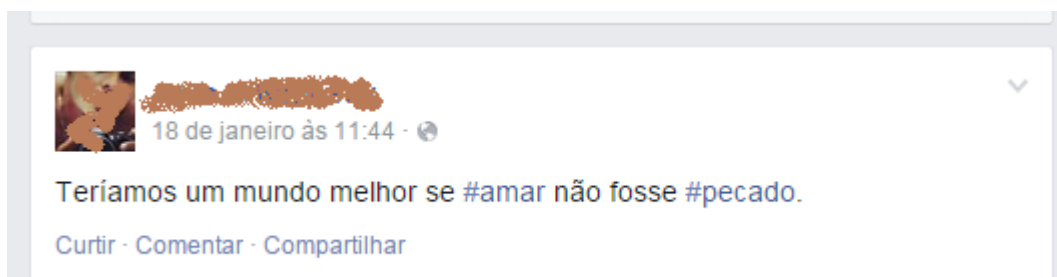


Figura 03. Fonte: Facebook/página da autora/2015.

As condições de produção que fazem insurgir o discurso acima, em sentido estrito, apresentam-se como um texto *status* postado na página pessoal do *Facebook*, um indivíduo, declarado homossexual, cujo relacionamento e o parceiro foram levados ao público, por meio da sua Página. Num sentido amplo, tem-se uma cidade do interior da Paraíba, Brasil, onde apesar de muitas campanhas de publicidade, mobilizações e legislação favorável às relações homoafetivas, ainda permeiam discursos e ações preconceituosas e violentas.

Após o conhecimento dessas condições de produção, identificam-se algumas formações discursivas: diante de um sujeito do discurso que acredita no amor como condição para a existência de um mundo melhor e, que devido à falta de amor aos semelhantes tem um mundo cheio de situações ruins. Percebe-se ainda um discurso religioso que condena o amor entre pessoas do mesmo sexo. Nota-se também uma formação discursiva de um sujeito reprimido por um discurso religioso discriminatório e repressor. Há um sujeito que se mostra assujeitado a esse discurso religioso, embora tente se mostrar com um pensamento diferente. Existe um confronto de discursos: um de que *amar é pecado* e outro que *amar não é pecado*.

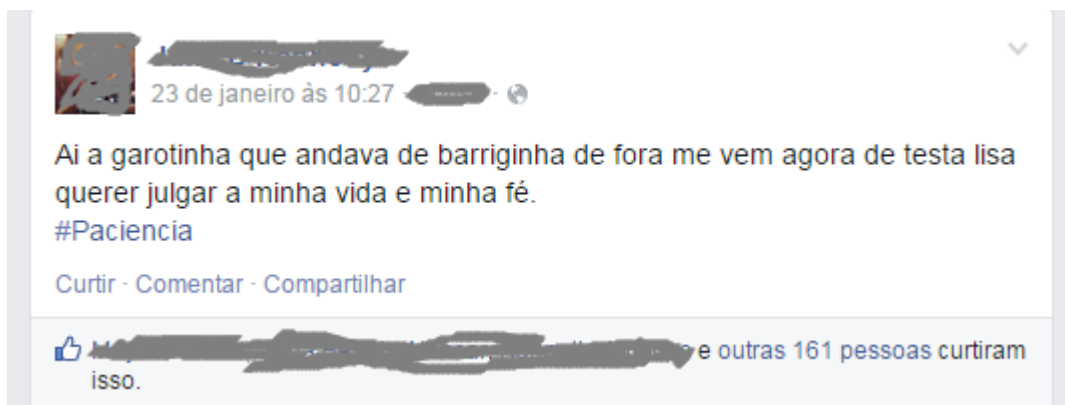


Figura 04 Fonte: *Facebook*/página da autora.

Essa postagem faz surgir um sujeito que expressa toda a sua insatisfação com determinado comportamento étnico-religioso. É perceptível também um confronto de discursos: de um lado, coloca-se contrário a um posicionamento religioso que condena atitudes em outrem, mas, por sua vez, o mesmo sujeito age de forma a condenar atitudes anteriores dessa determinada pessoa que o critica. Ou seja, as formações discursivas de cunho religioso em confronto estão evidentes.

Pelo exposto e diante de um total de mais de cento e sessenta pessoas que curtiram tal postagem, pode-se vê-la sob o aspecto do discurso, uma vez que para todas essas pessoas esse texto passou a significar, operou determinado efeito de sentidos. De acordo com Orlandi (2012, p. 39), nesse caso, o sujeito utiliza-se do mecanismo da antecipação. “Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quando ao sentido que suas palavras produzem”. Ainda segundo a autora, o sujeito desse discurso coloca-se na posição dos seus interlocutores, no caso as pessoas que com as quais se relaciona na página do *Facebook*. Ao colocar-se no lugar dos interlocutores, o sujeito pode prever, desde as curtidas, pessoas que serão seus “cúmplices”, até aos comentários que poderão vir corroborar sua ideologia defendida ou confrontar como adversários de discurso.

Notam-se também, nesse confronto discursivo, os procedimentos de exclusão, de interdição que, segundo Foucault (1996, p. 9), existem em todas as sociedades, no que

concerne à produção do discurso. Conforme o autor, “[...] não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa”. No caso do *post* analisado acima, existe uma espécie de interdição no discurso, ou seja, alguém falou sobre algo que não estaria autorizado para falar dada a sua posição de sujeito.

Nesse mesmo sentido, Orlandi (2012, p. 29) afirma que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Como questiona o sujeito do discurso analisado “a garotinha que andava de barriguinha de fora” não ocupa uma posição que lhe permita criticar a vida e a fé de outrem. Seria o que Orlandi (2012) chama de relações de forças. O sujeito que fala da posição de fiel de uma igreja terá suas palavras avaliadas de maneira diferente da forma como seriam avaliadas as palavras do padre, do pastor ou outra autoridade religiosa, institucionalmente legitimada.

### **Considerações Finais**

A análise dos discursos recortados do *Facebook* aqui realizada, tendo como teoria norteadora a AD, permitiu uma nova maneira de olhar a circulação de sentidos na referida rede social e como os sujeitos ali se constituem na e pela linguagem. De posse dos conceitos de sujeito e linguagem dentre outros, foi possível perceber que na rede social *Facebook*, mais que textos e imagens, podem-se encontrar sujeitos em ação, uma vez que na concepção da AD, linguagem poder ser definida como a língua que age.

Compreendeu-se que, por meio das interações virtuais no *Facebook*, indivíduos tomam uso da palavra, subjetivam-se, ou seja, significam a si e aos outros, por diferentes formas de linguagem. Como afirma Orlandi (2012), “Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa”. Ou seja, mesmo os textos postados ou



compartilhados que circulam na rede social não são feitos por acaso. O sujeito se identifica com determinado texto, confere-lhe significado a partir de um contexto histórico e de formações discursivas. Esse discurso recebe de outros/as navegantes na Rede também uma significação, seja concordando ou discordando. Tem-se assim, a trama discursiva que envolve aqueles e aquelas que só fazem sentido nas teias da linguagem.

Outra constatação feita foi em relação ao mecanismo discursivo da antecipação. É perceptível que os sujeitos fazem uma espécie de previsão do resultado que terá seu discurso (postagem), colocando-se no lugar do seu interlocutor. Essa antecipação dá-se de diferentes formas. Desde a postagem de uma foto, quando o sujeito já espera um determinado número de curtidas, a um texto quando o enunciador já prevê o resultado positivo e até mesmo negativo, uma vez que muitos utilizam desse espaço para verbalizar seus discursos, fazer ouvir sua voz.

Podem-se encontrar circulando no *Facebook* discursos políticos, religiosos, pertencentes às mais diferentes filiações ideológicas e Formações Discursivas; existe na rede social *Facebook* um espaço favorável ao uso da palavra por parte dos indivíduos e por meio dela a proliferação de sujeitos e de discursos.

## Referências

BARONAS, R. L. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. **V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO. O acontecimento do discurso: filiações e rupturas.** Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>>. Acesso em: jan. 2015.

FISCHER, R. M. B. Foucault; OLIVEIRA, L. A. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo.** Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAZZOLA, R. B. Análise do discurso: um campo de reformulações. MILANEZ, Nilton; SANTOS, Janaina de Jesus (Org.). **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares** São Carlos: Claraluz, 2009. E-Book.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas-SP: Pontes Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto. Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.1994. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>.acesso.em.janeiro/2015>. Acesso em: jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Michel Pêcheux e a análise do discurso. In: **Estudos da Lingua(gem)**. Vitória da Conquista. N. 01. pp. 9-13. Junho/2005. Disponível em: <<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em: Jan. 2015.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

REVEL, J. **Dicionário Foucault**. Tradução Anderson Alexandre da Silva; revisão técnica Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SANTOS, S. S. B. P.; OLIVEIRA, L. A. **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.